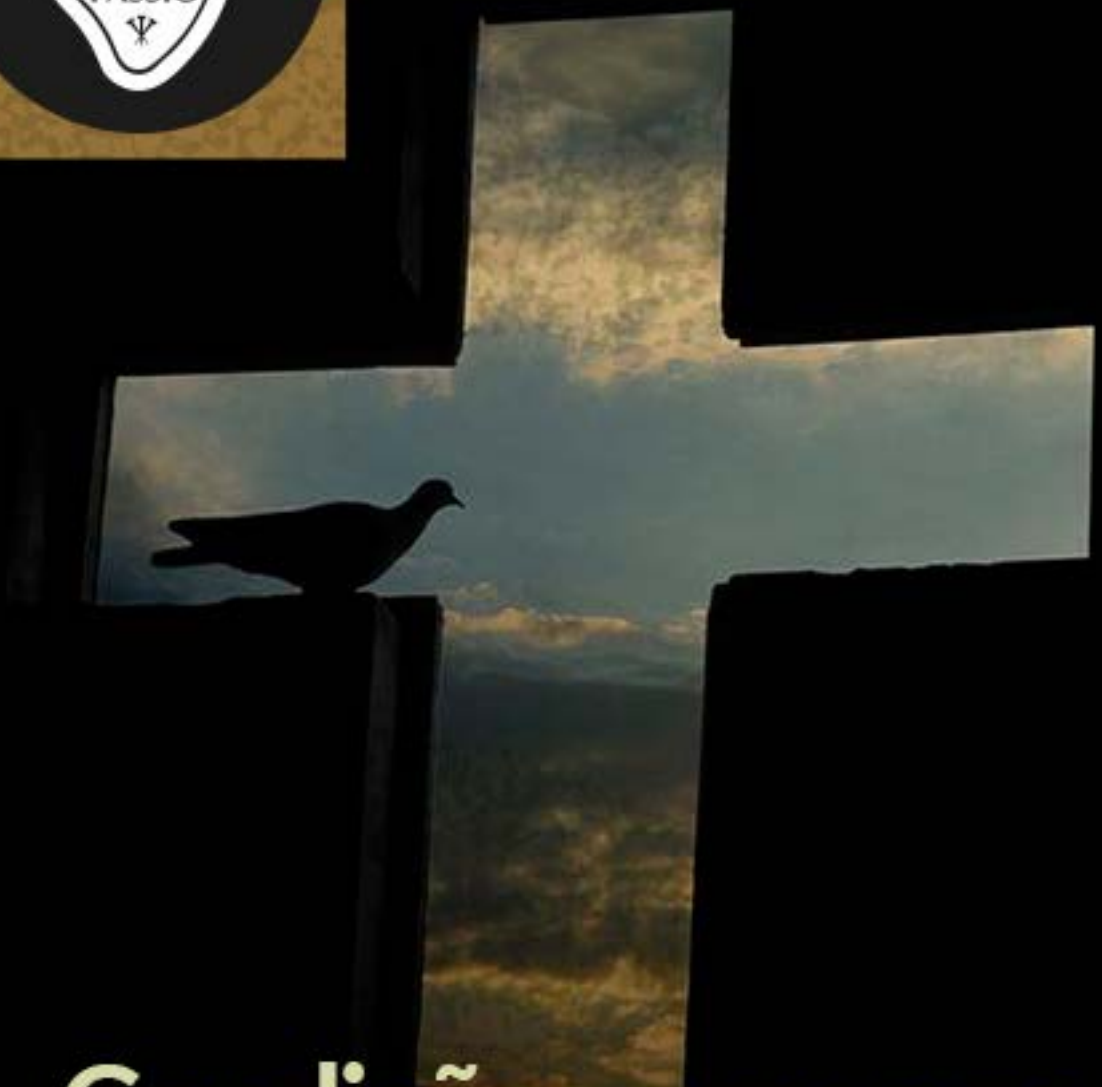

Condições para nos tornarmos pessoas de oração no ensinamento de São Paulo da Cruz

Fabiano Giorgini, C.P.

Estudos de História e Espiritualidade Passionistas

CONDIÇÕES PARA NOS TORNARMOS PESSOAS DE ORAÇÃO NO ENSINAMENTO DE SÃO PAULO DA CRUZ

Fabiano Giorgini, C.P.

Roma, 1983
Curia Geral dos Passionistas
Piazza SS. Giovanni e Paolo, 13

INTRODUÇÃO

Este estudo é uma tentativa de estimular a reflexão sobre alguns dos factores que proporcionam as condições para a oração, desde os seus primeiros estágios, passando pelo seu desenvolvimento gradual, até à união mística com Deus. Tenta focar a atenção na natureza da vocação Passionista centrada em Cristo e na Paixão, a fim de facilitar o desenvolvimento daquela relação pessoal de noivado com Cristo que é a oração, e que se expressa em manter viva a memória do Seu amor. Assim, Cristo torna-se o princípio unificador das nossas vidas. Toda a nossa vida afectiva e o nosso ministério centram-se n'Ele.

Paulo da Cruz costumava descrever a vocação Passionista em termos de crescer cada vez mais consciente do amor com que Jesus deu a vida na Cruz por nós.
Descobrir este amor é ser cativado por ele e ser levado a fazer o dom da própria vida a Cristo e aos outros por causa d'Ele, numa entrega que não conhece limites, mesmo ao ponto de se entregar para ser "esfolado", como o nosso Santo Fundador disse, se fosse necessário para salvar uma única pessoa (1).

Logo desde o início, Paulo costumava encorajar o jovem candidato a considerar como Cristo Se deu por ele, pessoalmente, e para a salvação de cada indivíduo. Ele também lhe incutia que a maioria das pessoas estava completamente alheia a este amor pessoal e salvador de Cristo por elas. Paulo incitava o candidato a deixar-se penetrar até ao mais fundo da sua alma por este amor; encorajava-o a dar uma resposta radical e incondicional a ele, optando livremente por partilhar a experiência de Jesus Crucificado, como um prelúdio para partilhar a Sua glória.

Isto eventualmente o levaria "a empreender, da plenitude do seu amor, grandes coisas para a glória de Deus e para a defesa da Igreja, não poupando esforços para este fim, mesmo à custa da sua própria vida" (2).

A humilde obediência de Cristo e a Sua pobreza de auto-esvaziamento eram as atitudes de Cristo que o Postulante tinha de contemplar e abraçar especialmente, como dom e exigência do amor. Paulo via estas qualidades de Cristo exemplificadas no hino cristológico da Epístola aos

Filipenses (Fl 2, 5-11) e no “Sinal”, que era a expressão visível do carisma da Congregação.

O Verbo, empreendendo a obra da nossa salvação, despojou-Se da Sua glória e assumiu a nossa condição humana; tornou-Se servo e amorosamente tomou sobre Si a nossa experiência humana, com todas as suas limitações e contradições. Desta forma, Ele redimiu-nos e glorificou o Seu Pai celestial.

Assim, a formação deve ajudar o jovem Passionista a entrar num novo modo de vida, através do qual ele será conformado a Cristo, despojando-se voluntariamente dos seus antigos modos de pensar, bem como das suas posses, abraçando as atitudes de Jesus de humildade, pobreza e obediência. Ele é assim capacitado a apreciar e a fazer sua a “mentalidade” da Comunidade Passionista, aprendendo-a de Cristo Crucificado. Só assim lhe é revelado o “conhecimento” de Jesus, cativando-o e permitindo-lhe experimentar o que significa estar “imerso no coração e Sagrada Paixão de Jesus, seu Esposo” (3).

Este percurso interior é tanto a condição quanto o fruto da oração; uma oração que se foca na pessoa divina de Jesus na Sua experiência humana de sofrimento. Através desta porta, entra-se no coração de Jesus, para a descoberta do amor que ali arde, passando em seguida à contemplação da Santíssima Trindade, deixando-se atrair para este mistério até se fundir com Ele.

Estudos actuais, destinados a identificar as dificuldades encontradas na vida religiosa hoje, sublinham a falha em formar os religiosos na identidade específica dos seus respectivos Institutos, seja na fase inicial de formação ou subsequentemente. Esta carência resulta num sentido de identidade insuficientemente fundamentado, numa apreciação inadequada do que realmente significa ser um religioso e, especificamente, o que significa ser um religioso no seu próprio Instituto particular (4).

O carisma que Deus deu ao nosso Santo Fundador, reconhecido pela Igreja ao aprovar a Congregação, só pode ser vivido com todas as suas consequências práticas quando o Passionista mantém continuamente em mente os sofrimentos inspirados pelo amor de Jesus.

A menos que se esteja convencido deste valor básico da própria vida como religioso, e se encontre expressão para ele no que se está a fazer, não se tem aquela capacidade de progresso na oração na medida em que o nosso Santo Fundador o desejava. Ele via um valor particular, dado por Deus, e uma motivação teológica por detrás da oração de um Passionista, decorrente da natureza “apostólica” da vida Passionista.

Fabiano Giorgini, C.P.

1. O AMOR POR JESUS DEVE SER TAL QUE SE ESTEJA RESOLVIDO A PARTILHAR A SUA EXPERIÊNCIA DE PAIXÃO E GLÓRIA.

1.1 Uma Compreensão da Vocação Passionista Centrada em Cristo e na Paixão

De acordo com S. Paulo da Cruz, a primeira condição para um religioso Passionista ser um homem de oração é que ele esteja: a) certo de que Deus o chamou para esta Congregação, e b) sinceramente resolvido a conformar-se a Cristo na Sua Paixão.

Logo desde o primeiro estágio do postulantado, Paulo introduziu o candidato à pessoa de Jesus na Sua experiência de Morte e Ressurreição, mesmo antes de o introduzir ao apostolado ou aos benefícios da vida em comunidade. Ele assim o iniciou com uma compreensão da sua vocação centrada em Cristo e na Paixão. Disto resulta tanto a necessidade quanto a possibilidade daquela relação amorosa com Jesus que constitui a oração.

No texto de 1736 da Regra ele escreve:
"O servo de Deus que deseja entrar neste retiro penitencial deve, antes de entrar, examinar cuidadosamente se é realmente chamado para esta vida. Deve fazê-lo:

- por meio da oração e do jejum;
- frequentando os Sacramentos, retirando-se dos assuntos mundanos e procurando aconselhamento junto do seu confessor e de outras pessoas adequadas;
- Deve examinar se está resolvido a sofrer muito;
- a ser desprezado e ridicularizado;
- a sofrer calúnias e coisas semelhantes pelo amor de Jesus Cristo." (1)

Estas disposições interiores do Postulante implicam que ele está a entrar numa relação profunda com Jesus, que ele experimenta como alguém que vive agora e que tem uma influência na sua vida pessoal. Jesus torna-se assim o "Objeto Supremo dos seus desejos", o seu próprio "Amante Crucificado". Desenvolve-se uma relação amorosa com Jesus, expressa no diálogo da oração, e num vivo desejo de partilhar a experiência de Jesus sob o impulso deste amor.

Esta disposição amorosa para partilhar livremente as experiências de Jesus constitui a condição fundamental para a oração Passionista. Esta oração será ativamente procurada e praticada conscientemente pela relação íntima com Jesus que ela proporciona. Além disso, será proposta aos outros como um meio de superarem as suas próprias limitações e de viverem no sentido mais pleno da palavra.

Assim, valorizando Jesus como o seu "Bem" pessoal, o Postulante encontrará a coragem para pôr em prática o conselho de Jesus: "Vende tudo o que tens e dá o dinheiro aos pobres; depois vem, segue-me" (Lc 18,22).

De facto, era desejo de Paulo que o Postulante, depois de examinar cuidadosamente o seu chamamento e a sua vontade de sondar as profundezas da experiência de Jesus, não só deixasse a casa, mas abandonasse qualquer segurança contra o seu regresso: "Se lhe restar alguma coisa, deve vendê-la ou dá-la como esmola aos pobres... Que se lembre do conselho de Jesus: Vende tudo o que tens e dá aos pobres" (2).

Isto é um auto-esvaziamento pelo qual se despoja de interesses próprios, do desejo de reconhecimento e da segurança que as posses dão, um esvaziamento que torna a pessoa capaz de conhecer Jesus como dom do Pai na oração.

Mais uma vez, numa carta circular aos Superiores, Mestres de Noviços e amigos clericais que guiavam jovens para a Congregação, Paulo expressa esta visão da vocação centrada em Cristo e na Paixão. Ele diz que o Postulante deve examinar:

1. Se a sua motivação para entrar na Congregação é reta e pura, ou seja, salvar a sua alma e buscar a santidade, crucificando os vícios e desejos da carne pela observância da Regra, e ser um verdadeiro imitador e seguidor de Jesus Cristo. Se esta motivação estiver de alguma forma em falta (e ele deve examinar-se cuidadosamente sobre isto), não receberá a graça de Deus para perseverar e colocará a sua alma em grande perigo, além de causar dano à Congregação.

2. Se ele demonstra prontidão e coragem para empreender a observância na sua totalidade. Isto envolve:

• Um estilo de vida quaresmal, mas com alimentação adequada e prudentemente fornecida.
• Ovos e laticínios quatro vezes por semana, incluindo Domingos, nos Retiros longe da costa.
• Toda a assistência e caridade possíveis em tempos de doença.
• Deve considerar se está disposto a permanecer em solidão, a duas ou três milhas no campo, sem sair a menos que a caridade ou a obediência o exijam.
• Vestuário: uma camisola interior de lã junto à pele; calções para decência; um hábito de material grosseiro, com um manto; apenas sandálias, ou seja, sem meias.
• Levantar-se à meia-noite para Matinas; recitação dos salmos em pé; uma hora de meditação no inverno e meia hora no verão; uma hora de meditação à Prima; uma hora de meditação à noite após Completas.
• Disciplina três vezes por semana, mas sem derramar sangue; quatro vezes por semana no Advento e na Quaresma.
• Dormir no hábito, sobre um colchão de palha, com um cobertor de lã, numa cela pobre.
• Silêncio para além da recreação comunitária.
• Estar obedientemente sujeito ao Superior, como uma criança simples e humilde; este é um atalho para a santidade.
• Submeter-se de bom grado às correções e mortificações que o Superior, o Diretor Espiritual e o Mestre de Noviços darão de maneira bondosa."

Ele continua:
"Que o Postulante tenha o cuidado de responder francamente a todas estas questões... contudo, não há necessidade de estar receoso. Que confie que tudo será facilitado com a ajuda de Deus, como descobrem aqueles que já foram Vestidos, vindo, como vêm, de todos os tipos de origens, muitos deles muito corretamente e delicadamente educados.

Esta Congregação pode parecer assustadora à distância, mas, vista de perto, traz consolação e alegria. Isto é evidente pelo facto de os Superiores terem dificuldade em impedir as pessoas de fazerem demasiado, em vez de fazerem muito pouco. Isso dificilmente seria o caso se fosse tão austera como alguns acreditam e relatam erradamente.

Os Postulantes, então, não devem ter medo. Que tenham coragem e venham com boa vontade, com uma intenção reta, e com as qualidades acima, e descobrirão pela experiência quão suave é o jugo de Cristo e quão leve é o Seu fardo. Vão experimentar a verdadeira paz do coração e, na sua chegada, verão esta paz a brilhar nos rostos dos seus coirmãos religiosos. Verão quão gentilmente os Superiores os tratam, quão suavemente dão correções, e o afeto mútuo que existe entre todos os religiosos, que estão todos unidos como num único coração em Cristo Jesus" (3).

É esta relação pessoal com Jesus na Sua experiência de Morte e Ressurreição que atrai alguém à Congregação e encoraja a desenvolver aquele diálogo amoroso com Ele que leva à união mística com Ele. Isto é tanto uma exigência quanto uma condição da oração. É também o fruto da oração.

1.2 Uma Partilha Aprofundada na Humildade e Obediência do Verbo Encarnado

Era desejo de Paulo que o Postulante desse provas destas disposições à Comunidade do Noviciado antes de entrar na sua formação para a vida Passionista.

Jesus, o Verbo feito carne, primeiro e acima de tudo demonstrou uma grande humildade, pela qual, embora rico, Se tornou pobre e, sendo por natureza divina, dignou-Se aparecer na forma de servo (Fl 2,6-11). O Postulante deve assumir esta atitude de humildade e despojamento, tornando-a algo real na sua própria vida. A sua vida é assim transformada à medida que adota as disposições de Jesus Crucificado, a Quem chega a conhecer através da sua oração.

Antes de iniciar o seu Noviciado, o Postulante deve ser testado:
"...para que se possa ver se ele está disposto a ser desprezado, se está realmente resolvido a morrer para si mesmo, para o mundo e para as suas inclinações pecaminosas, a fim de viver apenas para Deus, em Deus e através de Deus, escondendo a sua vida em Cristo, que, por nossa causa e para nosso exemplo, escolheu voluntariamente tornar-se o opróbrio dos homens e o renegado do povo" (4).

Segundo o nosso Santo Fundador, esta firme resolução de partilhar a experiência de Jesus é a condição que permite ao religioso Passionista entrar naquele caminho de oração destinado a levá-lo eventualmente à união mística com Jesus. Esta resolução de partilhar a experiência e as disposições de Jesus por si só garante abertura de coração suficiente para o deixar chegar a conhecer Jesus através da sua oração.

Claramente, se estas disposições eram exigidas no Postulante, então esperava-se que estivessem presentes em grau eminente e em contínuo desenvolvimento no Professo. Eles encontravam um lembrete destas exigências nas cerimónias de Vestição e Profissão.

No início da cerimónia, o Superior encoraja o Postulante "a carregar a sua Cruz, apontando a grande alegria a ser encontrada no Sagrado Coração de Jesus Cristo" (5). Sofrimento e alegria: o resultado do contacto vivo com Jesus.

A conferição do Hábito, da Cruz e da Coroa de Espinhos são "sinais" que recordam a Paixão de Jesus. O seu significado é explicado nas palavras que os acompanham no rito, sublinhando a relação vital com Jesus que deve crescer continuamente:

- "Recebe, querido Irmão, a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Renuncia a ti mesmo, para que possas partilhar com Ele na vida eterna.

- Lembra-te muitas vezes que estás vestido de luto, em memória da Paixão e Morte de Cristo Nosso Senhor."

Com a conferição da Coroa de Espinhos, a humildade e a obediência são enfatizadas, em imitação de Jesus:

- "Recebe, querido Irmão, a Coroa de Espinhos de Cristo Nosso Senhor. Humilha-te sob a poderosa mão de Deus e sê sujeito a toda a criatura por causa d'Ele" (6).

Estas disposições interiores, que já devem estar presentes no jovem candidato e que devem desenvolver-se ao longo da sua vida, estão diretamente em linha com o hino cristológico na Epístola aos Filipenses (2,6-11), que o nosso Santo Fundador queria que os Passionistas proclamassem no início de cada hora do Ofício Divino (7).

Este esforço constante para focar o olhar em Jesus, juntamente com a resolução de partilhar a Sua experiência, já constituem por si mesmos oração. Eles dispõem o Passionista para o dom da união mística, que o espera enquanto ele viaja com Jesus em direção ao Calvário e à Ressurreição.

Esta jornada com Jesus em direção ao Calvário também explica a austeridade da vida Passionista e fornece motivação para a vida comunitária. Isto torna-se mais alcançável e mais profundo na medida em que esta união interior com Jesus cresce dentro de si, trazendo paz e reconciliação com todos os seus irmãos.

Era desejo de Paulo que a cerimónia de Vestição concluísse sublinhando que a vida comunitária Passionista era uma fonte de alegria, embora isto se realizasse ao carregar a cruz com Jesus:
"Que o Superior, juntamente com o resto dos irmãos, expresse a sua alegria ao seu novo irmão, encorajando-o a carregar a Cruz com Jesus" (8).

Assim, os religiosos são capacitados a adquirir uma compreensão autêntica das disposições de Jesus através da sua oração, que, por sua vez, é aprofundada na medida em que eles corajosamente se comprometem a partilhar o Seu destino.

2. O RELIGIOSO DEVE ASSUMIR A ATITUDE DE OBEDIÊNCIA DE JESUS E VIVER "PELO SEU SANTO ESPÍRITO"

2.1 O Que Esta Atitude de Jesus Implica

Falando da maneira de formar os Noviços na oração, Paulo escreveu ao Padre Pedro, o Mestre de Noviços:
"Toda a preocupação do Mestre deve ser formar (os Noviços) num firme hábito de virtude e verdadeira humildade de coração, um conhecimento da própria nulidade e desprezo de si, e, acima de tudo, negação completa da própria vontade em tudo; mortificação interna e externa das próprias paixões, preferências, opiniões, gostos e aversões, etc. Estas virtudes são os alicerces sobre os quais o edifício espiritual é construído. São fundamentais para obter o dom da oração e da união com Deus. Caso contrário, está-se apenas a construir sobre a areia" (9).

Dezasseis anos antes, ele tinha escrito ao Padre Fulgentius na mesma linha:
"Tentemos assegurar que eles adquiram virtude interior sólida; um firme alicerce de humildade, simplicidade e pureza de intenção; uma consciência clara, com autodomínio interior, e com uma base firme de recolhimento. Quanto eu quero que os nossos religiosos trabalhem para serem homens interiores; homens que saibam resistir a pressões, provações e sofrimento interior. Isto é tão necessário para purificar a alma, para que o nosso divino renascimento em Cristo Jesus possa ser constantemente renovado em pura fé e amor. Mas o segredo reside em saber como sofrer estas pressões em silêncio e esperança" (10).

Pode-se assim ver que as condições para se tornar homens de oração podem ser reduzidas a uma única condição: a firme resolução de abraçar a experiência de Jesus na realidade crua da Sua Paixão. Através disto, chega-se a apreciar e a experimentar o amor que causou a Paixão.

Na Regra, também, enquanto Paulo recomenda que o Mestre se preocupe em instruir os Noviços na "santa oração", ele esforça-se por sublinhar que deve, ao mesmo tempo, instruí-los "na prática das virtudes, particularmente no desprezo de si, garantindo que pratiquem a negação da sua própria vontade e julgamento, fazendo-os superar as suas aversões e mortificar as suas inclinações pecaminosas" (11).

Na mente de Paulo, é claro que um religioso pode viver autenticamente pelo espírito de Jesus apenas se formar uma relação com Ele que implique partilhar a Sua humildade e a Sua obediência, mesmo até à morte da Cruz. Assim, ele comporta-se sempre "como alguém que vive na presença de Deus, e procura apenas agradar-Lhe". Este modo de agir "como alguém que vive na presença de Deus" significa fazer a vontade do Pai a sua própria, como Jesus fez; significa libertar-se de si mesmo, a fim de se deixar ser possuído apenas pelo Pai em Jesus.

Paulo vê esta conformidade com a vontade do Pai como uma forma de "prestar atenção gentil e amorosa à presença de Deus em tudo o que se faz". Tal atitude é "uma maneira de rezar sempre e de perfumar tudo o que se faz com o doce bálsamo do santo amor" (12). Assim viveu o próprio Jesus na presença do Seu Pai, nutrindo-Se da Sua vontade divina (Jo 8,29).

Para o nosso Santo Fundador, é impossível entrar na oração autêntica sem entrar na atitude obediencial de Jesus, porque orar significa estabelecer uma relação íntima com Ele, e o homem que não abraça a atitude característica de Jesus não pode desfrutar de intimidade com Ele na oração.

A oração, de facto, não é outra coisa senão uma abertura de si mesmo ao mistério da vontade de Deus; reconhecendo-a, amando-a e pondo-a em prática ao renunciar à própria vontade. Por outras palavras, morrer misticamente com Jesus na Cruz e nascer de novo n'Ele como filho de Deus.

2.2 Alcançar a 'Morte Mística' Implica Disponibilizar-se para um Aprofundamento da Oração

No seu Tratado sobre a "Morte Mística", Paulo enfatiza:
"Jesus, deve-se morrer e obedecer... é a vossa vontade que eu morra convosco na Cruz. Morte mística... em fé cega devo correr para a fonte do prazer divino... não buscando a mim, mas apenas que Deus faça como Ele quiser. Fazendo a Sua santa vontade, tornar-me-ei como nada... Oferecer-Lhe-ei sempre o dom da minha vontade pura e nua... morrer por puro amor a Ele... morrerei completamente para mim mesmo,

a fim de viver apenas para Deus; e por Deus eu certamente morrerei, pois sem Ele não posso viver" (13).

Tudo isto é levar às suas últimas consequências as qualidades mais proeminentes da vida de Jesus: humildade e obediência, motivadas pelo amor. "Uma morte santa, que permite viver pelo verdadeiro espírito de Jesus" (14). Significa escolher perder a própria vida por Jesus, que deu a Sua vida por nós; é uma aceitação total e radical de Jesus. Isto torna a oração possível, em termos de uma troca amorosa com o "Amante Crucificado".

Paulo colocou esta realidade da "Morte Mística" perante o Passionista na cerimónia da Profissão. Há uma leitura meditativa da Paixão de Jesus segundo S. João. Naquele exato momento em que o Passionista ouve, numa atitude de profunda adoração, que Jesus "inclinou a cabeça e entregou o Seu espírito", amadurece a decisão final de se oferecer em sacrifício com Jesus, "para melhor se unir a Deus" (15).

Ao oferecer-se ao Pai em união com Jesus, a fé que inspira o Passionista não lhe deixa outro caminho senão viver a sua própria experiência humana dada por Deus no mesmo espírito que inspirou Jesus, Seu Esposo. Esta atitude de obediência é, para Paulo, "a pedra fundamental da perfeição". Assim, ele pode dizer: "Bem-aventurados aqueles que fazem tudo em santa obediência, em imitação de Jesus Cristo, que Se tornou obediente até à morte, morte de Cruz" (16).

De muitas maneiras diferentes, Paulo enfatiza estas qualidades de Cristo de humildade e obediência. Ele considera-as essenciais para aprender a sabedoria da Cruz e para estar disposto para a união mística na oração.

A "Morte Mística" está em relação direta com a oração, uma vez que é na oração que se chega a "conhecer" Jesus; é na oração que se ganha uma apreciação e um desejo por uma união amorosa íntima com Ele. Como consequência lógica, deseja-se partilhar a Sua morte, causada pelo pecado. Isto faz-se matando o pecado dentro de si, em qualquer forma que assuma, reconhecendo-o como a causa do sofrimento e morte de Jesus. Deseja-se assumir as virtudes de Jesus, o Homem Novo, a fim de vir à vida n'Ele e através d'Ele.

É especialmente por esta assunção radical da humildade e obediência de Jesus que a “Morte Mística” se torna uma realidade. A atitude de orgulho e auto-suficiência é a raiz do pecado em todas as suas várias formas.

Na oração, Jesus Crucificado transmite as Suas próprias disposições interiores ao religioso. Na medida em que o religioso incorpora estas disposições na sua vida diária concreta, ele é transformado misticamente em Jesus. Entra num alto grau de oração unitiva. Recebe o dom da paz e serenidade interior como um penhor e garantia do seu noivado com o Amor Crucificado, e descobre que ele também é crucificado com Jesus por amor.

Isto parece fiel à linha de pensamento de Paulo. O seu conselho ao Mestre de Noviços — o ponto de onde começámos — visava formar os Noviços na oração e conduzi-los no caminho da oração unitiva.

Nessa mesma carta, Paulo reafirmou:
“A oração afetiva, em fé pura, a oração de profundo recolhimento ou oração infusa, é um dom gratuito de Deus. Ninguém deve presumir aspirar a ela por força dos seus próprios esforços, por assim dizer. Toda a preocupação do Mestre” deve ser preparar os Noviços para este dom de Deus, encorajando-os a assumir aquelas disposições de Cristo de que falámos. Desta forma, os Noviços poderiam até experimentar a “Morte Mística”. O nosso Santo Fundador enviou o seu tratado sobre isto ao Mestre de Noviços, para que ele o pudesse explicar a eles “depois de terem feito algum progresso significativo na oração e na virtude” (17).

3. RECOLHIMENTO E ORAÇÃO

3.1 O Que o Recolhimento Implica, e Por Que É Necessário para a Oração

Recolhimento significa concentrar todas as faculdades espirituais – entendimento, vontade, imaginação, atenção e afeições – numa pessoa ou num objeto que interessa e atrai. Paulo da Cruz considerava lógico que o religioso devesse concentrar estas faculdades espirituais em Deus, Para Quem vive, e A Quem deseja proclamar aos outros.

Dada a desproporção que existe entre a transcendência e a imensidade de Deus, e a nossa capacidade humana limitada, o religioso deve naturalmente tentar "recolher-se" completamente na pessoa de Deus. Ele deve criar o maior espaço possível na sua vida para Deus, removendo do seu mundo já restrito, qualquer coisa que impeça a sua completa recetividade ao Verbo Encarnado.

O nosso Santo Fundador define o recolhimento assim: "Um despertar frequente da própria fé, mantendo-se, tanto quanto possível, numa atenção amorosa e gentil à presença de Deus em tudo o que se faz". O recolhimento, assim compreendido e posto em prática, é como uma fragrância que permeia todas as atividades, as quais são motivadas unicamente pela caridade teologal (18).

Para Paulo, o religioso recolhido é um 'homem interior', uma pessoa que tem 'um espírito interior'; ou seja, alguém que age pelo instinto da fé. As suas ações fluem da caridade teologal e nunca são superficiais. Assim, ele incita o Mestre de Noviços a formar os jovens de tal modo que ajam "com um espírito interior, afeto de coração e pureza de intenção; que se conduzam sempre como pessoas que vivem na presença de Deus e procuram apenas agradar-Lhe" (19).

A razão, de facto, a necessidade do recolhimento, deriva daquela relação pessoal de 'noivado' que o religioso deve ter com Jesus. Jesus atrai e cativa uma pessoa, convidando-a a centrar n'Ele todas as suas afeições e atenção, como acontece quando os seres humanos se apaixonam. Deste nasce aquele intercâmbio amoroso que constitui a oração unitiva, e que se desenvolve gradualmente em profundidade e intensidade.

Mas um religioso não pode fazer progresso na oração, nem pode manter este desejo de diálogo com Jesus, a menos que se separe

psicologicamente das pessoas, das coisas, da sabedoria deste mundo, e da sua própria sabedoria puramente humana, a fim de possuir a sabedoria de Jesus e o dom de 'conhecê-Lo', redescobrindo-se em Jesus, para partilhar a Sua Paixão e o poder da Sua Ressurreição (Fl 3:8-12).

Portanto, era desejo do nosso Santo Fundador que a formação ascética do Noviço lhe ensinasse a guardar os seus sentidos, particularmente os seus olhos; a controlar o seu impulso de falar, e a sua curiosidade de saber o que se passava no mundo; a controlar a sua imaginação sendo seletivo, escolhendo aquelas imagens que ele considera mais úteis para alcançar e manter o recolhimento interior (20). Isto deve continuar após a profissão.

Paulo costumava lembrar a todos os religiosos que o progresso na oração era impossível sem um esforço consciencioso para manter o recolhimento durante o dia, permanecendo em real solidão interna e externa, praticando a mortificação e dando espaço ao espírito de Jesus para respirar dentro de si (21).

3.2 Solidão, Silêncio e Oração

Para fomentar o recolhimento, Paulo queria solidão externa para os seus religiosos, para os ajudar a estabelecer e aprofundar esta relação amorosa com Jesus. Assim, "os servos de Deus, após os seus trabalhos apostólicos," podiam retirar-se "da agitação do mundo para recolherem o seu espírito pela oração e pelo jejum. O seu amor por Jesus, assim reacendido, estão prontos e ansiosos para sair novamente para semear a santa semente da palavra de Deus, promovendo nos corações dos fiéis uma recordação devota da Paixão e Morte de Jesus, nosso Sumo Bem" (22).

Pela mesma razão, ele lembra aos missionários da necessidade de permanecerem em solidão "aos pés do Crucificado", quando regressam das missões, "sem procurar sair; como se não houvesse outros lugares por perto". Ele também recomenda que o Superior não deve, "sem estrita necessidade," permitir que o missionário saia, "para que ele possa ter mais oportunidade para o recolhimento e descanso aos pés da Cruz" (23).

Paulo lembrou a todos os religiosos que “os tratos com o mundo destroem o recolhimento interior”, e sem recolhimento interior eles não são “capazes de receber discernimentos celestiais para adquirir a verdadeira sabedoria”, por outras palavras, eles não são capazes de se dedicarem à oração (24).

Para que a solidão mantenha e aprofunde o recolhimento, ela deve estar unida ao silêncio, que, segundo Paulo, “é a alma de uma comunidade bem ordenada, e cria recolhimento” (25). Isto envolve mais do que não falar durante o ‘grande silêncio’, ou falar baixinho, quando a necessidade o exige, noutros momentos do dia. Inclui evitar ruído na maneira como se anda, ou se abrem e fecham portas e janelas, “para não quebrar o silêncio e perturbar o recolhimento do religioso,” como Paulo escreve (26). Este silêncio dourado, que acalma tanto a fala quanto a imaginação, fomenta um diálogo amoroso com Jesus, preparando para, e continuando, aquele diálogo mais íntimo da oração.

Foi por esta razão que o nosso Santo Fundador deu a cada religioso a sua própria cela. Embora isto possa ser interpretado como um relaxamento da pobreza, Paulo não hesitou sobre isso, porque estava em jogo um valor maior – o diálogo amoroso com Jesus. Era para isto que o religioso devia usar a sua cela. Ele não a devia usar para o seu próprio conforto, com os seus pensamentos ainda no mundo; isso seria um insulto à pobreza e uma traição ao propósito para o qual a cela lhe foi dada.

Paulo escreveu: “Quando estiverem lá sozinhos, que tenham o cuidado de afastar das suas mentes tudo o que não é Deus, ou de Deus. Que mantenham o Crucifixo continuamente diante dos seus olhos, amorosamente, e beijando frequentemente as sagradas chagas, o coração fazendo continuamente atos de amor em direção ao nosso Sumo Bem. Que façam muitas vezes orações jaculatórias; oferecer estas vocalmente em tempos de aridez é uma ajuda maravilhosa para o recolhimento. Que estudem da mesma forma que andam – um pé levantado e um no chão – isto é, com a mente no livro e o coração em Deus” (27).

Mesmo durante as refeições, a ênfase era colocada na comunhão com Deus por meio do silêncio e da leitura espiritual. Assim, podia-se permanecer centrado em Deus, em vez de se estar absorvido meramente no processo de comer (28).

Esta união com Deus deve ser fomentada mesmo durante as viagens empreendidas para o ministério ou por alguma outra razão legítima. Assim, ao viajar, o religioso deve manter "recolhimento e reserva". Deve manter-se em silêncio para escutar a voz de Deus que está presente no seu próprio coração, e que ele pode contemplar enquanto Se revela na natureza; presente, também, Eucaristicamente, nas igrejas espalhadas pelo campo, onde pode ser adorado com uma genuflexão, feita em fé. O religioso deve conversar sobre coisas edificantes, para que possam ser "inflamados com o amor de Deus" (29).

Como notado acima, tudo isto está ao serviço da oração. "Que se lembrem," escreveu o nosso Santo Fundador, "que nunca farão qualquer progresso na oração, a menos que permaneçam recolhidos durante o dia, amando a solidão e a mortificação internas e externas, e sendo fiéis à mais pequena observância da Regra" (30).

3.3 Recolhimento, Saúde Mental e Oração

O recolhimento, destinado a fomentar uma relação amorosa com Cristo, não deve ser causa de qualquer stress mental, uma vez que ajuda a satisfazer as necessidades psicológicas mais profundas de uma pessoa. Paulo insistiu resolutamente em manter a serenidade e a paz do coração, e em cultivar o recolhimento num espírito de amor e relaxamento mental.

Ao Mestre de Noviços ele escreveu: "Sê especialmente cuidadoso acerca destas três ou quatro coisas: 1) Que nunca se esforcem, mas façam tudo com paz de espírito, sem nunca forçar a mente ou o coração; 2) Que nunca cedam a escrúpulos, nem fiquem abatidos no coração. Se isto acontecer, devem vir e conversar imediatamente consigo sobre as suas tentações, escrúpulos e problemas. Os Noviços costumam ser incomodados assim, especialmente no início; 3) Que não se concentrem de modo a forçar a sua mente a permanecer recolhida na presença de Deus. Em vez disso, que usem pequenas aspirações e orações do coração de tempos a tempos. Não devem apressar isto; devem dar tempo a uma afeição para perfumar o seu espírito, sem estarem ansiosos por passar para outra. Lembro-vos que forçar a mente e o coração, e esforçar-se para concentrar, são a ruína dos pobres rapazes — eles ficam inúteis para qualquer coisa depois... Vê que recebam a comida de que necessitam, de acordo com a Regra... Vê que os Noviços estejam felizes e contentes na recreação; aconteça o que acontecer, eles devem elevar o espírito, e não dissipá-lo" (31).

O nosso Santo Fundador demonstrou o mesmo tipo de preocupação por todos os religiosos, mesmo aqueles que não estavam em formação. Ele instava-os a procurar ajuda do Diretor Espiritual ou do Superior para lidar com os problemas que inevitavelmente enfrentariam, e a manter a sua paz de coração, "porque sem esta paz interior, pouco ou nada se realiza, ou então só a grande custo" (32).

O passeio solitário era providenciado tendo em mente este equilíbrio psicológico. Esta era uma oportunidade para o religioso apanhar ar fresco e fazer exercício. Ajudava a manter e desenvolver o equilíbrio físico e psicológico. Ninguém se devia isentar disto, mesmo sob o pretexto de estar mais recolhido: "Que todos vão dar um passeio, para apanhar ar fresco e para arejar a cabeça como auxílio ao recolhimento interior".

Ele também os instava a escutar a voz de Deus a falar-lhes a partir da natureza: "Que vejam a grandeza, a beleza e a majestade de Deus nas flores e nos campos, no sol e no céu. Ao ar livre, que derramem o seu coração a Deus...; podem levar consigo um pequeno livro devocional ou o Novo Testamento, acendendo o seu amor por Deus com uma palavra ou um sentimento destes" (33).

Uma mente sã e um sistema nervoso equilibrado ajudam uma pessoa a focar as suas afeições em Jesus; demonstram a influência positiva que Jesus tem sobre o homem que a Ele se confia totalmente.

Estas citações das fontes oficiais da Congregação mostram claramente que o nosso Santo Fundador considerava o recolhimento como uma condição para a oração de um Passionista, e a sua continuação. Toda a estrutura ou 'ambiente' do Retiro, e a sua organização diária, eram cuidadosamente orientados para a oração e o recolhimento e para o estudo necessário para o ministério apostólico. O recolhimento e a oração, longe de desencorajarem o envolvimento apostólico, qualificam para ele e garantem o seu sucesso.

4. VIDA APOSTÓLICA E ORAÇÃO

4.1 “Vida Apostólica” em Relação à Oração na Espiritualidade do Nosso Santo Fundador

Até agora, discutimos as condições básicas para se dedicar com sucesso à oração. Olhamos agora para a vida apostólica como exigindo uma vida de oração, e como o próprio fruto da oração.

No tempo do nosso Santo Fundador, e na Sua espiritualidade, ‘Vida Apostólica’ significava imitação da vida dos Apóstolos enquanto observavam as normas que Jesus lhes deu quando os enviou a pregar, dois a dois. Comprometidos a viver com Jesus e a assimilar o Seu ensinamento e a Sua visão do mundo, eles saem para pregar o Reino de Deus. Pobres em recursos humanos, mas enriquecidos pela sua fé e pela sua experiência de Deus, são um sinal eficaz da presença viva de Jesus.

Paulo escreve: A vida dos Passionistas “não é diferente da dos Apóstolos; mais ainda, está totalmente conformada a estes, e a conduta dos apóstolos é a norma para as Constituições, que se esforçam por formar um homem totalmente centrado em Deus, totalmente apostólico, um homem de oração, desapegado do mundo, das coisas, de si mesmo, para que possa, em toda a verdade, ser chamado discípulo de Jesus Cristo, e possa gerar muitos filhos para o céu” (34).

Claramente, para Paulo, ser um homem apostólico significa viver as condições que permitem ser um homem de oração; apenas um tal homem está qualificado para proclamar Jesus eficazmente.

Na Regra, o nosso Santo Fundador sublinha a união da oração e da vida apostólica. Ele diz que os Passionistas devem esforçar-se “por ser incansáveis na oração, por sua própria causa, como meio de união com Deus, e também para colocar os seus vizinhos no mesmo caminho, instruindo-os da maneira mais simples possível nesta santa prática” (35). Colocar o próximo no caminho da união com Deus através da meditação é o fruto da oração do religioso e, ao mesmo tempo, exige que ele seja um homem de oração.

Com boa razão Paulo pôde dizer que na solidão, e dentro do ambiente do Retiro, os Passionistas têm “toda a oportunidade para se santificarem para o benefício do seu próximo... preparando-se para a batalha, saem para o campo para travar guerra contra o inimigo comum, para destruir o

pecado e para incutir nos corações dos fiéis uma terna recordação da Paixão de Jesus Cristo, nosso Verdadeiro Bem" (36).

Quanto mais Jesus se torna o foco psicológico e espiritual do religioso, mais preocupado ele se torna com a salvação do seu próximo; a sua oração ensina-lhe que Jesus considerou cada um deles digno de dar a Sua vida por eles: "Que todos tenham a peito a conversão dos pecadores, a santificação do seu próximo e a libertação das almas do Purgatório. Para este fim, devem oferecer frequentemente a Deus a Paixão, Morte e Precioso Sangue de Jesus. Devem ser zelosos ao fazer isto, como algo próprio do nosso Instituto" (37).

A atitude de Paulo em relação à relação entre apostolado e oração não era nova. Todos os pregadores itinerantes sustentavam que uma experiência profunda de Deus era necessária se alguém quisesse proclamar a Sua palavra eficazmente. Existe, de facto, uma relação entre a proclamação da palavra e o efeito da conversão provocado pela fé dentro de uma pessoa.

O pregador deve também assistir os fiéis por meio da sua oração e da sua vida penitencial. Unindo estas ao sacrifício de Jesus, ele implora as graças necessárias para a conversão e perseverança. Assim, Paulo, seguindo o exemplo de tantos outros santos pregadores itinerantes, leva o Evangelho a sério quando diz: "Este tipo de demónio não pode ser expulso por qualquer outro meio, exceto pela oração e jejum" (Mc 9:28) (38).

Na visão de Paulo, todo o tempo gasto no Retiro, dedicado ao estudo e, acima de tudo, à oração e penitência, é orientado para o apostolado, porque essa parte da vida é pura 'vida apostólica'. De facto, falando de pregação, Paulo diz: "Não prescrevemos nenhuma regra particular para os exercícios espirituais que devem acompanhar uma obra de tamanha importância. Tendo em mente que todos os religiosos nas casas da Congregação se dedicam assiduamente aos seus exercícios espirituais, que se esforcem por continuar a fazer isto durante o trabalho do ministério" (39).

A oração é uma forma de ministério; e a realização das próprias responsabilidades apostólicas é uma das condições para viver uma vida de oração intensa. Por esta razão, todos os religiosos, mesmo aqueles

não destinados a pregar, deviam fazer o voto de promover a devoção à Paixão de Jesus e cultivar a Sua recordação (40).

Por causa desta convicção, Paulo, embora zeloso pelo bem-estar eterno de cada pessoa, estava determinado a que a Congregação não empreendesse apenas qualquer tipo de trabalho. Nem a tarefa apostólica da pregação deveria prejudicar períodos prolongados de intensa contemplação, ou uma vida comunitária real, marcada pela humilde obediência à autoridade e aos próprios irmãos, e por uma genuína irmandade amadurecida na oração.

No que dizia respeito a Paulo, permanecer fiel a este ritmo de vida era um ato de obediência tanto à Igreja que tinha aprovado as inspirações que lhe foram dadas, quanto a Deus que deu as inspirações. Foi também um verdadeiro ato de serviço ao povo de Deus através de uma vida apostólica marcada pela contemplação, focando-se na Paixão de Jesus como a revelação decisiva do amor misericordioso de Deus pelos seres humanos (41).

4.2 Dificuldades Experienciadas ao Longo do Tempo a Este Respeito, e o Efeito que Estas Tiveram na Formação e na Prática da Oração

Mesmo um olhar superficial sobre alguns aspetos da vida Passionista mostra a diferença entre a vida vivida pela primeira Comunidade Passionista e a de hoje.

No tempo do nosso Santo Fundador, havia pelo menos três horas de meditação comunitária, bem como cerca de duas horas dedicadas ao Ofício Divino; cerca de três quartos de hora para a celebração da Eucaristia, e mais meia hora dedicada ao Rosário e à Leitura Espiritual em comum. Acrescentava-se a isso o silêncio que reinava na Comunidade, mesmo durante as refeições quando havia leitura.

O Documento do Capítulo de 1970 prescreve pelo menos uma hora de meditação, ficando o religioso individual livre para escolher o lugar e a maneira do seu cumprimento. Tem sido deixado às Províncias estabelecer quais as horas do Ofício que serão rezadas em comum, embora seja vivamente recomendado que cada Comunidade reze pelo menos a Oração da Manhã e da Noite em conjunto, e realize algum ato de devoção à Eucaristia e a Nossa Senhora.

O silêncio e a comunhão com Deus não caracterizam a atmosfera nas nossas Comunidades de forma evidente, nem os tempos de refeição e recreação evidenciam que aqui está uma Comunidade totalmente centrada no mistério da Paixão de Cristo.

Certamente, como declaração de princípio, o Documento do Capítulo de 1970 recorda a inspiração que levou à nossa fundação: "Buscamos a unidade da nossa vida e apostolado na Paixão de Jesus". A Igreja deu-nos "uma participação especial no seu apostolado, nomeadamente, tornar fecundo o amor de Cristo tal como eminentemente expresso na Sua Paixão... o ministério da palavra será tido na mais alta estima". O Documento também sublinha que "o mistério Pascal está no centro da nossa vida". Isto exige que nos tornemos "tão peritos no conhecimento da Paixão" que possamos ser capazes de "guiar os fiéis a uma profunda consciência deste mistério, que continua hoje nas vidas de toda a humanidade, levando-os a uma união mais íntima com Deus, a um conhecimento mais profundo de si mesmos, e a uma maior sensibilidade às necessidades dos seus semelhantes, sejam eles grupos ou indivíduos" (42).

Embora a declaração destes princípios gerais seja certamente de algum conforto, ninguém pode negar que a realidade da vida Comunitária, tal como é efetivamente vivida, é bastante diferente. Em particular, há uma falta de coesão entre os elementos da oração, solidão, penitência, apostolado e vida comunitária. O próprio Documento do Capítulo contribui para esta falta de coesão. Não oferece direção clara a este respeito (43).

Contudo, esta falta de coesão é anterior ao Capítulo Especial de 1970. Fatores que a influenciaram são a supressão das Ordens Religiosas sob Napoleão I, a supressão na Itália no século passado e na França na viragem deste século, as guerras mundiais, etc.. Mas de particular importância foi a grande expansão da Congregação nos anos de 1839-1862, e no período seguinte a 1863. Basta olhar para os decretos dos Capítulos Gerais para ver as dificuldades.

A expansão deixou certas tendências negativas no seu rasto. Estas decorreram não tanto do contacto com diferentes situações culturais e pastorais, mas do facto de a Formação ter sido frequentemente negligenciada ou encurtada em prol de obter pessoal para preencher novas casas. Noutras ocasiões, não havia uma seleção adequada de

vocações. Além disso, pareceria que foi neste período que a vocação ao sacerdócio começou a ser enfatizada, em detrimento da vocação religiosa e, especificamente, da vocação religiosa Passionista. Esta tendência foi agravada com a introdução de seminários menores. Finalmente, no apostolado missionário e na América do Sul, o número de paróquias aumentou, causando uma redução adicional na vida comunitária com todas as suas consequências negativas. E assim, gradualmente, o equilíbrio entre vida comunitária, solidão, oração e apostolado deteriorou-se seriamente (44).

Vários documentos, provenientes da Santa Sé hoje, estão a convidar-nos a reestabelecer este equilíbrio vital entre uma vida comunitária conscienciosamente dedicada ao estudo e à experiência de Deus através da Paixão de Jesus, e o trabalho apostólico que é próprio da Congregação (45). Temos de ser muito cuidadosos na seleção de candidatos para a vida Passionista, como Paulo o foi. Como ele, não devemos hesitar em mostrar-lhes exatamente o que a vida Passionista vai exigir deles. Ele foi sempre bastante franco com eles sobre isto, embora o tratasse com tato e sensibilidade, rezando para que Deus lhes desse luz, força e a coragem necessária.

A Carta Circular do Padre Geral, datada de 25 de março de 1979, convida-nos a estudar cuidadosamente toda esta complexa questão da nossa 'comunidade apostólica'. Ajuda-nos também a formular alguns critérios para o discernimento, à luz do ensinamento do nosso Santo Fundador, e do da Igreja de hoje, sobre a forma como os religiosos são chamados a servir o povo de Deus. É apenas restaurando as condições que o nosso Santo Fundador considerava básicas para uma vida de oração dentro da Comunidade Passionista, que podemos esperar reestabelecer um equilíbrio entre estes vários elementos da vida Passionista, particularmente entre a oração e os outros aspetos da vida Passionista.

5. ENSINAR AS PESSOAS A MEDITAR NA PAIXÃO DE JESUS

Não havia dúvida na mente de Paulo de que a causa principal do pecado no mundo era o esquecimento da grande misericórdia que Deus mostrou ao enviar-nos o Seu Filho, que abraçou a condição humana em amorosa obediência. Por outro lado, quem recorda, com um coração agradecido, o amor mostrado na Paixão de Jesus, não só é incapaz de pecar, mas cresce gradualmente em união íntima e amorosa com Deus através de Jesus (46).

Estas convicções são constantemente reiteradas na Regra. Estão presentes logo no início, onde o propósito da Congregação é definido, onde a Regra fala da necessidade de solidão para as nossas casas como um meio para esta conformidade com Cristo, pela qual se torna a Sua 'memória' viva, e aprende a promover zelosamente esta memória nos corações dos fiéis, até ao ponto onde fala do voto específico de promover a Paixão por meio de uma vida vivida em comunidade, pela pregação, celebração dos Sacramentos, etc..

Há uma ênfase constante na convicção fundamental de que através desta devoção, recordando o amor de Jesus mostrado na Sua Paixão, "os pecadores mais obstinados se renderão a Deus, e os corações de todos serão inflamados com o amor de Deus" (47).

O serviço específico que a Congregação presta ao povo de Deus, em virtude da aprovação da Santa Sé, é promover esta memória do amor de Deus, mostrado na Paixão de Jesus, ensinando todos os tipos de pessoas a meditar neste grande dom de Deus. Esta deve ser uma instrução prática, adaptada ao nível educativo e social das pessoas em causa, para que, em amor e gratidão a Jesus Que deu a Sua vida por elas, sejam inspiradas a assumir as Suas próprias disposições na forma como vivem as suas vidas diárias.

Para poder falar às pessoas no seu próprio nível desta forma, é preciso demonstrar verdadeiro respeito e preocupação por cada pessoa. É preciso também respeitar a sua capacidade de responder ao amor de Deus por elas.

Os religiosos Passionistas devem considerar esta responsabilidade como parte da sua vocação. Deve fluir da sua própria experiência de Deus, adquirida numa intensa vida contemplativa. "Ao pregarem a

devoção à Paixão de Jesus, não o devem fazer de forma insensível, como se estivessem meramente a cumprir um voto. Devem incutir esta devoção com tal poder, espírito, eficácia e zelo, que penetre os corações dos penitentes" (48).

Esta exigência da sua vocação sublinha ainda mais a necessidade de os religiosos Passionistas serem homens de oração, centrados na contemplação de Cristo Crucificado. Entram, assim, numa consciência do amor insondável e infinito da Trindade, o princípio e fim de toda a pessoa humana.

A Comunidade Passionista, uma escola de oração, deve ser composta por pessoas dedicadas à oração e capazes de criar uma atmosfera que sustente "aqueles clérigos e leigos que possam desejar retirar-se por alguns dias para desfrutar de alguma solidão abençoada aos pés do Crucificado" dentro da Comunidade Passionista (49).

Paulo da Cruz diria a nós hoje, como disse em 1750: "Pedi ao Altíssimo para dar aumento à nossa pobre Congregação; para a prover de homens santos que sairão, como arautos inspirados pelo Espírito Santo, para proclamar o quanto Jesus fez e sofreu por amor dos homens, a maioria dos quais está completamente alheia a isto" (50).

6. QUESTÕES PARA PONDERAR

Durante o Curso de Espiritualidade em que este artigo foi apresentado, algumas questões foram propostas para estudo pessoal e em grupo. Elas podem também ser de alguma ajuda aos leitores deste artigo. As questões foram colocadas aos participantes do curso, para encorajar contribuições positivas sobre a situação atual na Congregação, à luz do ensinamento do nosso Santo Fundador.

1. Nos últimos trinta anos, foi dada aos nossos Postulantes uma compreensão da Congregação, e do compromisso espiritual que ela acarreta, de uma forma que reflita fielmente o pensamento do nosso Santo Fundador?

2. Foi esperada, e fomentada neles, uma compreensão clara e interiorizada da vocação "Passionista" (distinta da vocação religiosa em geral, ou da de um padre diocesano)?

3. A Congregação dá evidência de alguma dificuldade: a) em reconhecer que devemos ser 'homens de oração', dedicando longos períodos de tempo todos os dias à oração; e, b) em centrar a nossa oração e a nossa vida diária em Jesus Crucificado. Isto acarreta despojamento, pobreza, austeridade, etc., como condições para o progresso na oração, se esta for para crescer numa relação íntima e amorosa de noivado. Poderão estas dificuldades não advir do facto de que, ao contrário do nosso Santo Fundador, não temos focado claramente a atenção dos Postulantes e noviços em Jesus Crucificado, o que exige uma entrega total de si?

4. A cerimónia de Vestição, com o seu próprio ritual distintivo, expressava a essência do nosso carisma Passionista. Ao eliminar esta cerimónia, não teremos, talvez, empobrecido o significado da Vestição, centrado em Cristo e na Paixão, que encorajava os Postulantes, noviços, e mesmo os professos, a entrar numa relação viva e pessoal com Jesus Crucificado? Não cometemos, e ainda não estamos a cometer, um erro pedagógico ao eliminar os 'sinais' visíveis que fomentam em nós, e nos outros, uma recordação mais atenta de Cristo Crucificado, a Quem somos consagrados?

5. O N.º 5 do Documento do Capítulo é uma expressão adequada do pensamento de Paulo centrado em Cristo e na Paixão, no que diz respeito à partilha da experiência de Jesus nas nossas próprias vidas

pessoais; mas isto é compreendido, na prática, à luz do ensinamento e prática do nosso Santo Fundador?

6. A formação inicial e contínua deu atenção suficiente à importância de assumir genuinamente a humildade e obediência de Jesus, para que a nossa contemplação nos possa levar àquela união mística à qual cada um de nós é chamado?

7. Este ensinamento do nosso Santo Fundador influencia a forma como resolvemos questões colocadas pelos problemas de 'individualidade' ou 'subsidiariedade', de modo a fomentar aquela atmosfera de amor fraterno que nutre a oração?

8. Os N.ºs 23-31 da *Evangelica Testificatio* não traduzem, para a linguagem atual, o ensinamento do nosso Santo Fundador?

9. Na formação, e nos esforços de renovação comunitária, é suficientemente enfatizado que, a menos que vivamos 'pelo espírito de Jesus', e a menos que adquiramos as disposições com que Ele viveu a Sua vida, nunca seremos capazes de uma relação genuína com Ele, e, portanto, nunca seremos capazes de oração profunda, com o risco de nos encontrarmos condenados a uma busca frustrante e sem fim por Ele?

10. Na formação inicial e contínua dos nossos religiosos, o ensinamento do nosso Santo Fundador sobre a natureza e prática do recolhimento e da oração é claramente transmitido? Como é isto recebido?

11. Os números 45-46 da *Evangelica Testificatio* expressam, de forma atualizada, o ensinamento tão caro ao nosso Santo Fundador. Estes números são suficientemente ponderados?

12. À luz do ensinamento do nosso Santo Fundador sobre os arredores e a atmosfera do Retiro Passionista, orientados para o recolhimento, oração e estudo, e permitindo a admissão apenas a pessoas que "possam desejar desfrutar de alguma solidão abençoada por alguns dias," parece que os números 33-34, 37 do Documento do Capítulo podem não ajudar a garantir à comunidade uma atmosfera que verdadeiramente favoreça e encoraje o recolhimento, a oração e o estudo. Como vemos esta situação, e o que pode ser feito a respeito?

13. Os números 40 e 54 do Documento do Capítulo são uma expressão adequada do ensinamento do nosso Santo Fundador. Contudo, têm alguma influência real nas vidas dos indivíduos e da comunidade?

Abreviaturas Let. “Cartas de S. Paulo da Cruz,” com notas do Padre Amadeo. Roma, 1924, Vols. I-IV, Vol. 5 editado pelo Padre Cristoforo, Roma, 1977. Rules and Const. “Regras e Constituições C.P.” Edição crítica do texto, editada por Fabiano Giorgini, Roma, 1958. Decrees and Rec. “Decretos e Recomendações dos Capítulos Gerais Passionistas,” editado por F. Giorgini, Roma, 1960. Customs. “Costumes, C.P.” Edição crítica do texto dos Padres Dominic, Seraphim, Bernard. Editado por F. Giorgini, Roma, 1958. St. Paul of the Cross, “Guide.” S. Paulo da Cruz, “Guia para a Renovação Espiritual na Vida Passionista. Regulamentos de 1755.” Roma, 1980. St. Paul of the Cross, “The Congregation” S. Paulo da Cruz, “A Congregação da Paixão de Jesus: O que é, e o que espera.” Roma, 1978.

Notas à Introdução

1. Diário, entrada de 4/12/1720, em Let. I,6.

2. S. Paulo da Cruz, “A Congregação,” Relato de 1768, N.º 5.

3. Diário, entrada de 8/12/1720, em Let. I,8.

4. Ver, entre outros, G. Cozzelino, “Uma vida centrada em Deus. Notas teológicas sobre a identidade consagrada,” Turim, 1978; V. Bosco; “Tendências educacionais e a crise na Vida Religiosa e no Sacerdócio,” Turim 1980; P. Di Domenico e A. Manenti, “Problemas e crise na Vida Religiosa,” Bolonha, 1980; J.M.R. Tillard, “Carisma e continuidade,” Bolonha, 1978; J.M.R. Tillard, “O chamamento de Cristo e as expectativas do mundo. Religiosos reconsideram o seu chamamento,” Bolonha, 1978.

Notas ao Texto

1. *Rules and Const.*, 10/I/12-29.

2. *Ibid.* 10/I/36-55.

3. Let. IV, 234-237.

4. *Rules and Const.*, 18/II/10-21.

5. *Rules and Const.*, 20/I/7-13.

6. *Ibid.* 20/I/29-42.

7. *Ibid.* 68/I/25-36.

8. *Ibid.* 20/I/44-50.

9. Let. III, 439.

10. Let. II, 150.

11. *Rules and Const.*, p. 160, N.º 35.

12. *Ibid.* 76/I/44-54; cf. também p.160, N.º 42.

13. Let. V, 10-13.

14. *Ibid.* 15.

15. *Rules and Const.*, 18/III/4-44; 36/I/15-18.

16. *Ibid.* 40/I/23-30; cf. também 38/II/11-29; 120/II/20-30; "Que os irmãos desta Congregação tenham o cuidado de ser tão obedientes que a sua obediência seja cega. Que tenham uma opinião muito humilde de si mesmos, procurando a completa auto-abnegação, para que possam alcançar grande perfeição... assim estarão mais em paz quando lhes for dito para fazerem coisas que vão contra o que lhes agrada, ou que ferem o seu amor-próprio – mesmo coisas tolas e sem sentido. Deus permitirá que um Superior aja assim para que os religiosos se tornem humildes e flexíveis, gentis e simples." Esta 'morte mística' vivida pode ser entendida apenas através de uma experiência profunda de Jesus Crucificado como o 'Bem' pessoal e o 'Amor' pessoal.

17. Let. III, 442. O Padre João Batista também escreveu ao Padre Pedro, o Mestre de Noviços, em 1764: Na Congregação "esforça-se acima de tudo, através da oração, pela humildade de coração, para que Deus possa formar-nos em filhos ilustres que formarão uma muralha e fortificação para a Sua Igreja nestes tempos, defendendo o Seu povo santo enquanto procuram caminhar no caminho da Sua verdade" (*Arquivo Geral*, B.I-I/1-3), Carta de 1/2/1764. Encontramos este ensinamento expresso também no relato que o Padre Fulgentius Pastorelli dá da santidade do Irmão Giacomo Gianiel. Esta é uma indicação de quão real este ensinamento era para a primeira geração de Passionistas, cf. 'James of St. Aloysius... deposition' (Giacomo de S. Luís... depoimento), Roma 1973, pp. 59-70. O Padre Fulgentius aproveita esta ocasião para instar os Religiosos a guardar a Regra, porque a vida santa do Irmão Giacomo mostra que a Regra realmente contém os meios para a perfeição. Ele também nos lembra que se quisermos incutir a Paixão de Jesus "nos corações dos homens, devemos primeiro garantir que ela esteja indelevelmente inscrita nos nossos próprios corações, para que possamos adquirir o verdadeiro espírito da nossa vocação".

18. *Rules and Const.*, 76/I/44-53.

19. *Ibid.* p. 160, N.º 42. O Padre Fulgentius, o primeiro Mestre de Noviços, mostra quão bem assimilou este ensinamento na forma como fala sobre o Irmão Giacomo, que foi um dos seus noviços. Ele escreve: "Ele praticava a virtude inteiramente por amor a Deus, procurando apenas agradar-Lhe. Ele buscava Deus tão ardentemente que tudo o que fazia era de Deus, em Deus, através de Deus, para Deus e com Deus, tudo feito com uma extraordinária pureza de intenção. Ele adornava as suas mais pequenas ações com os méritos da Sagrada Paixão de Jesus Cristo, temperando-as com piedosos sentimentos, apropriadas aspirações amorosas, e atos de amor dirigidos a Nossa Senhora, a Jesus Crucificado, a Deus e aos seus santos padroeiros, para que ele rezasse continuamente, como a Escritura nos aconselha. Ele retirava-se para o oratório do seu coração, como para um templo do Espírito Santo ('Vós sois o templo do Deus vivo'), por vezes completamente e arrebatadamente absorvido no seu Deus, a fonte de todo o bem. Ele assim combinava, de uma maneira maravilhosa, a vida ativa e a contemplativa" (*"James of St. Aloysius... deposition,"* Roma, 1973, p. 67).

20. *Rules and Const.*, p. 160, N.º 36.

21. S. Paulo da Cruz, "Guide," N.º 30. Ver também N.ºs 60, 304, 309, 319.

22. *Rules and Const.*, 8/I-III/1-20.

23. *Ibid.* 98/II/20-38.

24. S. Paulo da Cruz, "The Congregation," Relato de 1768, N.º 4. Ele também escreveu: O recolhimento, e a vida ascética que implica, é indispensável para "aproveitar a santa oração, mais ainda, para ser homens de oração", como convém a quem é chamado a uma verdadeira 'vida apostólica'. *Ibid.* N.º 8.

25. *Ibid.* Relato de 1747, N.º 10.

26. S. Paulo da Cruz, “Guide”, N.º 316.

27. *Ibid.* N.ºs 45, 47-49. A fim de ajudar a discernir se era realmente necessário deixar a cela, Paulo recomendava pedir permissão a Nossa Senhora para sair, *Ibid.* N.º 43.

28. *Ibid.* N.ºs 81-85, 87; *Rules and Const.*, 106/I-III/1-7.

29. *Rules and Const.*, 129/I/24ss; S. Paulo da Cruz, “Guide,” N.ºs 145-151.

30. S. Paulo da Cruz, “Guide,” N.º 30.

31. Let. III, 438-440. Conselho semelhante é dado na Regra: Que o Mestre conforte os Noviços “com a máxima caridade, quando estiverem deprimidos ou tentados. Que lhes mostre sempre um semblante pacífico, dando-lhes assim a confiança para lhe revelarem os seus corações, e encorajando-os a caminhar no caminho da santa penitência,” *Rules and Const.*, 26/I-III/51ss.

32. S. Paulo da Cruz, ‘Guide,” N.º 132.

33. *Ibid.* N.ºs 76-77. A Regra dizia: No tempo designado, após o estudo da manhã e da tarde, “Que dediquem algum tempo a relaxar a sua mente por meio do passeio solitário, indo sozinhos e em silêncio, sem se afastarem muito do Retiro. Podem realizar algum outro exercício piedoso, desde que não seja tal que esgote a mente ou cause distração,” *Rules and Const.*, p. 165, N.º 134.

34. S. Paulo da Cruz, “The Congregation,” Relato de 1747, N.º 3. O Irmão Giacomo Gianiel, escrevendo, em 1750, ao seu irmão, que era padre, expressou esta ideia assim: A Congregação Passionista é um Instituto completamente apostólico, observando a solidão interna e externa, servindo Deus Todo-Poderoso em oração e jejum, em silêncio e em esperança.” *“James of St. Aloysius... deposition,”* Roma 1973, p. 38. No mesmo documento nos é dito que o Irmão Giacoma foi atraído para a nova Congregação porque ele sabia que os religiosos “se retiravam para viver uma vida de oração e penitência, imersos em solidão, buscando a sua própria santidade e a salvação dos outros,” *Ibid*, p. 75; cf. também p. 182.

35. *Rules and Const.*, 2/I/34-41.

36. S. Paulo da Cruz, “The Congregation,” Relato de 1747, N.ºs 6, 21.

37. S. Paulo da Cruz, “Guide” N.º 323. Paulo também disse: “Uma vez que o propósito da nossa Congregação é promover a devoção à Paixão de Jesus Cristo, que os religiosos intercedam junto de Deus Todo-Poderoso pelos pecadores, pela conversão dos pagãos, e pela Congregação, para que o Seu santo nome possa ser conhecido e reverenciado.” *Ibid.* N.º 36.

38. Para Paulo, a penitência, com o jejum como a sua expressão bíblica e patrística mais favorecida, era um meio básico para se tornar um homem de oração e, portanto, um homem ‘apostólico’. No Relato de 1747 ele escreve: “A fim de que os religiosos possam estar dispostos para a oração fervorosa, da qual todos estes bens e ainda maiores derivam, (ex: paz, harmonia, fervor), eles devem, em conformidade com a Santa Regra, juntar a penitência à pobreza. Mas é uma penitência gentil, amável, discreta... Que a comida seja dieta quaresmal;” desta forma os religiosos qualificam-se “para ajudar o seu próximo, para santificar as almas e para converter os pecadores”. No Relato de 1768 ele disse; desapegando-nos dos bens temporais e dos tratos com o mundo, “a Santa Regra manda-nos abraçar aquele meio mais eficaz que Jesus Cristo propõe, nomeadamente, viver em oração e jejum, a fim de vencer os inimigos comuns”. S. Paulo da Cruz, “The Congregation,” Relato de 1747, N.ºs 15-16, 21-22; Relato de 1768, N.º 8. Para o nosso Santo Fundador, o espírito de oração, fervor e zelo apostólico dependem, em grande parte, do jejum e da abstinência amorosamente empreendidos. “Uma das pedras fundamentais do edifício espiritual é uma abstinência santa e prudente. Se forem cuidadosos em observar isto, um dia provarão a doçura do Senhor... Se abandonássemos esta abstinência que a Regra nos impõe, ter-se-ia ido todo o nosso fervor e o nosso espírito de oração, e a

Congregação estaria arruinada. Que Deus nos preserve disto! Isto é necessário para preservar a pobreza, o silêncio, e aquele recolhimento do coração do qual todo o bem procede, porque este recolhimento liga a alma a Deus, a fonte de todo o bem" Let. II, 88. Na Regra ele tinha escrito: "O espírito desta mais pequena Congregação é observar, da melhor forma possível, a santa lei de Deus e os santos conselhos evangélicos. Para observar estes perfeitamente, é necessário ser um homem de grande oração; mas como pode alguém ser um homem de grande oração sem abstinência?. O jejum, quando combinado com a mais profunda humildade e desprezo de si, é um meio muito poderoso de elevar o coração para que possa estar unido a Deus, e para pôr os demónios e as suas tentações em fuga, como Cristo nos disse quando afirmou: 'Este tipo de demónio só pode ser expulso pela oração e jejum'" *Rules and Const.*, 66/II/7-26. Deve-se notar que esta expressão do Evangelho se refere à cura física e espiritual. Portanto, Paulo aplica-a, não só à cura espiritual pessoal do religioso, mas à sua cura como um 'homem apostólico', cuja tarefa é comunicar aos outros a cura ganha para nós por Cristo na Sua Paixão.

39. *Rules and Const.*, 88/II-III/18-35.

40. *Ibid.* 58/II-III/50-61.

41. Para exemplos da recusa em empreender trabalho apostólico que não estivesse em conformidade com a Regra, cf. Let. V, 135; Let. III, 417-420; "Solitude and 'the desert' in Passionist Spirituality" (Solidão e 'o deserto' na Espiritualidade Passionista), por C. Naselli, Roma, 1978, pp. 31-39.

42. Documento do Capítulo 1970, N.ºs 5, 67, 68, 70.

43. *Ibid.* N.ºs 3, 6, 74, 76-80.

44. Na ausência de outras fontes escritas, cf. "Decrees and Rec." pp. 132-140, 147-151. "Customs," 55-72, 98-102. Ver também a Regra, 1959, N.º 243, que introduziu uma distinção entre 'Retiro', e 'quase-Retiro', 'Residência' e 'Casa de Maior Solidão'. Esta foi uma tentativa de remediar, por medidas externas, a falta de equilíbrio entre oração, solidão, vida comunitária e apostolado. Isto já era um problema na Congregação, e pode ser atribuído à falta de critérios claros para o discernimento no que diz respeito ao empreendimento de atividades apostólicas, e à seleção e formação dos nossos jovens. Cf. "The apostolic structure of the Passionist Congregation" (A estrutura apostólica da Congregação Passionista), por C. Brovetto, Roma, 1978, p. 17ss.

45. Entre estes documentos, cf. "Mutuae relationes," N.ºs 11-14; "Evangelica testificatio," N.ºs 49-50, 52-53; "Evangelii nuntiandi," N.º 69; discurso do Papa João Paulo II aos religiosos. Para a prioridade a ser dada à proclamação da palavra, cf. "Catechesi tradendae".

46. S. Paulo da Cruz, "The Congregation," Relato de 1747, N.ºs 1-2; Relato de 1768, N.ºs 1-2.

47. *Rules and Const.*, 58/I/64f. O mesmo ponto é feito noutros locais. Ensinar as pessoas, sempre que possível, a meditar na Paixão de Jesus "é um meio muito eficaz de destruir o pecado, e de levar as almas, num curto espaço de tempo, a grande santidade;" *Ibid.* 4/I/1-7; também 8/I/1-18; 56/I/55ss, etc..

48. S. Paulo da Cruz, "Guide," N.º 227.

49. S. Paulo da Cruz; "The Congregation," Relato de 1747, N.º 26; Relato de 1768, N.º 26.

50. Let. IV, 228. Para o Padre João Batista Danei, "Vida Apostólica" exigia uma preparação espiritual muito intensa: "A oração assídua e a paciência de longa duração são necessárias para obter as graças de que necessitamos para a tarefa exaltada do ministério apostólico no campo de batalha. Digo isto pela autoridade da Escritura, e pela minha própria experiência destes tempos tristes que estamos a atravessar. Quem não estiver bem protegido com a armadura de que S. Paulo e os outros escritores Sagrados falam, ou não tiver uma dupla porção do espírito (cf. 2 Reis, 2:9-10), não deve presumir

empreender este trabalho;" "Life of the Venerable Father John Baptist of St. Michael the Archangel," (Vida do Venerável Padre João Batista de S. Miguel Arcanjo), por Giammaria Gioni. Roma, 1934, p.165. O Padre João Batista escreveu em 1763: "Em oração assídua devemos implorar a Deus, na Sua Bondade, que mantenha a Congregação livre de pessoas inquietas, dos perturbadores, dos rancorosos, dos dissimuladores, dos orgulhosos, dos incrédulos, e de todos os que possam causar transtorno e escândalo, incluindo os inaptos e delicados que não conseguem suportar a observância. Peçamos-Lhe que abençoe a Congregação com homens íntegros que tenham amor pela Sua verdade revelada, e que sejam uma muralha e baluarte a defender a Congregação contra todos aqueles mestres da falsidade e inimigos que deixaram as nossas fileiras, ou estão em processo de as deixar." *Ibid.* p. 166.